

HOMOEROTISMO E POLÍTICA NOS ANOS 70: GLAUCO MATTOSO E ROBERTO PIVA

Diana I. Klinger

Quando Silviano –segundo Denilson Lopes- se apresentou na UERJ como “escritor gay”¹, parafraseando Otávio de Faria que se dizia “escritor católico”, estava colocando na cena literária uma figura que, embora obviamente já existisse, se afirmava explicitamente no Brasil nos anos 70/80. Se, como propõe Luis Costa Lima à respeito da escrita autobiográfica, “pela maneira como se apresentam, (os autores) preparam a sua recepção”², então essa tomada de posição de Silviano refere-se tanto a um posicionamento político do sujeito, quanto dos seus textos. Desta forma, a subjetividade pode ser considerada uma categoria literária, contradizendo a rejeição da categoria de “sujeito autor” na recepção da obra por parte da teoria desde o formalismo russo, passando pelo estruturalismo, e que no Brasil fora pedra de toque do paradigma cabralino-concreto. Porém, o sujeito retorna, nos anos 70, não somente na geração marginal com sua poesia do “eu”, mas também no âmbito da teoria com o surto de estudos de minorias, ainda que já não se trate do “Sujeito” senão das subjetividades, ou de acordo com Guattari, dos “processos de subjetivação”³.

O que me interessa aqui é avaliar a possibilidade de utilizar a nomeação “escritor gay” como categoria crítica. Como tal, acredito que o conceito não deveria referir-se a uma identidade, mas articular uma certa política do sujeito com uma política do texto, pois

¹ LOPES, Denilson. “Escritor gay”. Em *O homem que amava rapazes*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

² COSTA LIMA, Luis. “Pessoa e sujeito Ficcional”. Em *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 55.

³ GUATTARI, Félix Guattari e ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

pensar em termos de identidade traz consigo o risco de considerar a literatura como documento: a literatura homoerótica seria aquela que afirma uma identidade gay. Uma tal delimitação, além de reducionista, reproduz a lógica de segmentação do mercado, e portanto, sua capacidade crítica se dilui. Sou consciente, no entanto, dos riscos de despolitização que acarreta a desconstrução da identidade, assinalados –entre outros- por Leo Bersani: “No processo de desnaturalizar os regímenes epistémicos e políticos que nos construíram, apagamo-nos.(...) Desgeuizar a gueicidade (*de-gaying gayness*) só pode fornecer a opressão homofóbica; essa atitude realiza a principal aspiração da homofobia: a eliminação dos geuis”.⁴

Porém, acredito que os textos não devem nos levar a reconhecer *identidades*, mas sim a perceber *alteridades e diferenças*, pensando o homoerotismo como um modelo cultural, e não como um tipo de desejo que sustenta uma subjetividade, no mesmo sentido que Michael Warner caracteriza a qualidade queer, como uma “resistência aos regimes do normal”.⁵

Glauco Mattoso e Roberto Piva são especialmente interessantes porque colocam o homoerotismo como dado diferencial e crítico não só frente à sociedade, como também frente ao cânone literário. Todavia ambos se afastem da “poesia do eu” de seus contemporâneos marginais, as diferenças entre eles permitem-nos delinear duas “micropolíticas” (nos termos de Guattari)⁶: Piva identifica-se com um sujeito neo-romântico, profeta maldito, enquanto Glauco desconstrói a subjetividade.

⁴ BERSANI, Leo. *Homos*. Buenos Aires: Manantial, 1998, p. 18. (Tradução minha da versão em espanhol de Horacio Pons).

⁵ WARNER, Michael. Introdução a M. Warner (comp.). *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993, p. xxvi.

⁶ GUATTARI, Félix, op. cit.

A análise dos manifestos de ambos poetas é um ponto chave na configuração daquelas políticas. Os manifestos têm sido textos fundadores da vanguarda pela exposição de um projeto e pela delimitação antinômica das fronteiras entre um “nós” e um “outro”. Quer dizer, o manifesto é uma sutura de diferenças em prol da coesão do grupo que compartilha a consciência de participar de uma gesta heroica, por oposição –combativa- a um “outro”. Nos manifestos de Piva e de Mattoso essa função modernista da literatura “de combate” é parodiada e o projeto épico-heróico, ironizado.

O referencial, para ambos autores, é o “Manifesto Antropófago”, que constitui a identidade brasileira a partir da assimilação da força da cultura dominante (européia). Mas a institucionalização da antropofagia na cultura brasileira fez com que ela se transformasse em “dominante”, em conceito “universal”, no sentido da eliminação de diferenças internas. Glauco Mattoso e Roberto Piva desconstroem essa identidade nacional, mostrando a diversidade do particular. Assim, a cultura já não pode ser vista como resolução de conflitos ⁷, senão como exposição deles. Mas o conflito exposto nestes poetas não é simplesmente o da homossexualidade como identidade marginalizada no conceito universalizante de cultura nacional; pelo contrário, minha hipótese é que nos seus textos o homoerotismo não constitui uma *identidade homossexual*, senão que afirma uma excentricidade⁸.

Glauco escreve, no *Jornal Dobrábil*, vários manifestos paródicos (o *Jornal* é, de fato, uma máquina pop de produzir e re-produzir manifestos, que se diferencia da máquina

⁷ Esta perspectiva é sustentada, por exemplo, por David Lyod e PauThomas. “Culture is to a civil society conceived as the site of the war of all against all a domain of reconciliation, precisely as is the state.” LYOD, David & THOMAS, Paul. *Culture and the state*. New York and London: Routledge, 1998, p. 14.

⁸ A diferença nos leva de uma teoria gay (que pretende um reconhecimento político da identidade gay) para uma teoria *queer*, que promove uma política anti-identitária, que evite a retomada da identidade (fixada) nas redes existentes de poder. (JAGOSE, Annamarie. “Queer Theory”, em *Australian Humanities Review*. Sidney, Nº!, maio 2002)

warholiana por produzir lixo do luxo e não ao contrário). O “Manifesto Coprofágico”⁹ e o “Manifesto Vanguardada”¹⁰ são releituras do modernismo, “parodiando a revista de Antropofagia”¹¹ (como declara o jornal). Estas releituras (e rescituras) estão mediadas pelo concretismo, cuja presença é perfeitamente perceptível na construção visual da página do *Jornal* através dos desenhos feitos com a tipografia. Não por acaso seu título faz referência ao *Jornal do Brasil*, pois este tinha uma estreita ligação com a poesia concreta. De fato, é justamente no JB onde foram divulgados o “Manifesto Concreto”, o “Plano Piloto para a Poesia Concreta”, e o “Manifesto Neoconcreto”.

O “Manifesto Coprofágico” está assinado por um dos heter-homo-nimos de Glauco, Pedro o Podre, que assume as passagens mais abjetas no jornal. (Aqui me permito abrir um parêntese, para falar dos heterônimos, que Glauco chama de heter/homo/ nimos, como se o prefixo “hetero” o incomodasse. Glauco Mattoso, que é já um pseudônimo, tem outros no jornal: Louco Mattoso, Glauco Espermattoso, e o próprio Pedro o Podre “heterônimo do pseudônimo” tem outros tantos heter-homo-nimos: Pietro il Pútrido, Peter the Rotten, Pierre le Pourri, Pedlo Glande). Este manifesto (“Coprofágico”) é uma reciclagem do antropófago, em chave escatológica: se a antropofagia propunha “devorar” seletivamente os produtos da cultura colonizadora e convertê-los em elementos de uma cultura que superasse a anterior, Glauco Mattoso incorpora os elementos da cultura dominante, mas para convertê-los em defeitos. Assim, este processo de abjeção dessacraliza a cultura, sacralizando o abjeto, como por exemplo, na ironia que Glauco faz sobre o verso de Garcia Lorca, “Verde que te quiero verde”, que ele transforma em “Mierda que te quiero mierda” ,

⁹ FOLHA 11. Os números das citações de aqui em diante correspondem ao ordenamento dado na edição Rio de Janeiro, Iluminuras: 2001. A ausência de datas nos originais faz com que só possamos nos referir ao ordenamento da edição posterior.

¹⁰ FOLHA 2

¹¹ FOLHA 16

tirando, na assinatura sutilmente uma letra do nome do autor: “Garcia Loca”. Mas essa dessacralização/sacralização da arte, diz também respeito à sociedade, ao mito do progresso e do Brasil cosmopolita:

merda comunitária, cosmopolita e clandestina,
merda métrica palindrômica alexandrina
(...) tu es meu continente terra fecunda onde germina
minha independência minha indisciplina.

A noção de reciclagem é central no JD, cheio de citações falsas, plágios e reescrituras que deslocam a subjetividade. Esse caos de heterônimos e citações falsas, é o excesso -reverso do minimalismo concreto, mas leva também à desconstrução do sujeito¹².

Assim, a rescritura como reciclagem é uma recusa à idéia de originalidade, como lemos no “Manifesto Vanguardada”: “A obra é um roubo. O leitor é um bobo. O autor é um ladrão.”...“em arte nada se cria, tudo se copia”. Este é um gesto paradoxalmente anti-vanguardista; mesmo que rejeite a noção de originalidade, Glauco traz uma novidade e uma ruptura, que consiste na posta em xeque do original, a partir da repetição.

Este questionamento da idéia de original pode se comparar com aquele que, segundo Judith Butler, faz o travesti: a *performance* do travesti é uma transfiguração num outro (mulher) que é já uma figura. “O gênero é um estilo corporal (que tem uma história que o condiciona), um ato que sugere uma construção teatral”... “A paródia genérica revela que a identidade original sobre a que se monta a modalidade genérica em si mesma, é uma

¹² Segundo Haroldo de Campos, a poesia concreta busca “uma ‘língua franca’ que rasure as diferenças individuais em prol de uma poética comum”. CAMPOS, Haroldo de. “Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação do poema pós-utópico.” Em *O arco iris branco*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 265.

imitação sem original. E ainda mais, a paródia é sobre a noção de original”.¹³ Levando em conta estas observações, acreditamos que, no JD, Glauco revela que essa estratégia funciona tanto na construção do “eu” quanto da literatura, desmitificando a originalidade nos dois casos. O JD tem uma seção chamada “Gay Male”¹⁴, onde lemos: “Não sou anormal. Somos. Logo, não somos.Somos os fetiches masturbatórios dos machistas fascistas.... Entenda-se: anormal é a norma. Normal não é natural.” Tudo o que no *Jornal* se diz a respeito do eu, pode ser dito a respeito da literatura, e vice-versa. Literatura e subjetividade são construções feitas a partir da reciclagem. “Da diagramação ao texto, tudo ali é farra e bagunça e signos ‘corporais’... como se a cultura inteira, o mundo inteiro, fossem traduzidos em termos Dadá intestinais, Dadá-digestivos, Dadá gestuais”.¹⁵

Os manifestos de Piva, também retomando o de Oswald, têm um tom completamente diferente. “A catedral da desordem”, está construído sobre a base da sintaxe do “Manifesto Antropófago” que começa: “Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente”. E “A catedral...” começa: “Só a desordem nos une. Ceticamente. Barbaramente. Sexualmente.” Se compararmos, a filosofia é trocada pelo ceticismo, a sociedade pela barbárie, e a economia pela sexualidade. A antropofagia seria então uma “ordem” -“Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos”- e, portanto, “A catedral da desordem”, embora faça uma homenagem a Oswald,

¹³ BUTLER, Judith. “Inscripciones corporales, subversiones performativas”. *Em Gender trouble: feminism and subversion of identity*. NY, Routledge: 1990. Tradução de Delfina Muschietti, para a Cadeira de Literatura del Siglo XX, UBA, inédito. Tradução minha do espanhol.

Acrecento: “Las posibilidades de transformación del género están fundadas precisamente en la relación arbitraria entre dichos actos, en la posibilidad de falla en la repetición, una de-formidad, o una repetición paródica que exponga el efecto fantasmático de ilusión de identidad como una tenue construcción política”.

¹⁴ Folha 23

¹⁵ Folha 27

também se afasta dessa ordem –unificadora– estabelecida pelo modernismo. Continuando a retórica do “Manifesto Antropófago”, com uma extensa enumeração de prós e contras, “A Catedral da Desordem” se manifesta “contra os arcanjos pelos querubins homossexuais, contra os professores pelos pajés, contra a religião pelo sexo, contra tudo por Lautréamont”. O “Manifesto utópico....” propõe uma destruição da civilização a partir da transformação das escolas em saunas e de fomentar o pornosamba e a Bossa Nova Metafísica, e de realizar orgias homoeróticas adolescentes: “tribos de garotos nas selvas, tambores chamando para a Orgia.”: “tribos de garotos nas selvas, tambores chamando para a Orgia.”¹⁷.

A relação do modernismo com o “outro” supõe uma consideração do primitivo como agente privilegiado ao acesso a uma psique primária. A retomada postmodernista de Foucault, Deleuze e Guattari idealiza o “outro” cultural, como se este possuísse um acesso privilegiado à verdade. Segundo Hal Foster, isto seria um “hegelianismo do outro”: “a idealização tende a seguir uma linha temporal na qual um grupo é privilegiado como novo sujeito da história, somente para ser substituído por outro.”¹⁸ No entanto, diferente da atitude modernista, baseada na psicanálise e a antropologia, Glauco Mattoso e Roberto Piva se assumem eles mesmos como um outro e, por tanto não haveria idealização, mas uma postura existencial.

¹⁷ “Manifesto da selva mais próxima”, em Roberto Piva. *Antologia Poética*. Porto Alegre: L&PM editora, 1985.

¹⁸ FOSTER, Hal. *The return of the real. The avantgard at the end of the century*. Cambridge and London: MIT Press, 2001. “idealization tends to follow a temporal line in which one group is privileged as the new subject of history, only to be displaced by another”.

Geralmente as manifestações literárias de minorias (sexuais, raciais, religiosas, étnicas) são percebidas como se *a priori* possuíssem uma força de combate político, como forma de redefinir práticas políticas marcadas pelo cotidiano, e por uma ética de um sujeito plural. Entretanto, estou tentando demonstrar – a partir dos exemplos de Roberto e de Glauco- que o rótulo de “escritor gay” parece não ser suficiente enquanto categoria crítica, se não levarmos em conta, ao mesmo tempo, as políticas textuais e os diferentes modos dos sujeitos se posicionarem. Surrealista místico, Piva é o poeta maldito, cujos manifestos constroem a utopia de uma “homossociabilidade”. Muito diferente, o texto de Mattoso é uma espécie de “drag queen” da literatura brasileira: não é possível identificar um “eu” no jogo de máscaras e teatralizações. A linguagem que constrói a subjetividade, ao mesmo tempo a desconstrói. As citações e as referências ao modernismo –como mediações entre sujeito e texto- têm, portanto, um sentido completamente diferente num e noutro, o que possibilita traçar dois modelos de políticas do sujeito e do texto, dois modelos de “escritor gay”, lembrando Silviano. Fico pensando na possibilidade de existência de modelos de leitor correspondentes a eles. Cortázar tinha definido um leitor “macho” e um “fêmea” (ativo e passivo). Ao considerar os papéis fixados por determinações biológicas dos gêneros, ainda que Cortázar usasse os termos “macho” e “fêmea” num sentido metafórico, essa definição hoje seria percebida como “politicamente incorreta”. Como desconstruir essa dicotomia? Entre o leitor ativo e o leitor passivo, seria possível pensar na existência de algo assim como um “leitor gay”, sem cair na mesma armadilha essencialista? Alguns críticos acreditam na existência de uma literatura gay¹⁹, que

¹⁹ Em BARCELLOS, José Carlos. Op. Cit.

se diferencia da literatura homossexual, pois enquanto esta se baseia numa comunicação secreta com o leitor que conhece os códigos, sendo oculto aos heterossexistas, a primeira deve ter um ponto de vista abertamente homo, uma vez que a identidade gay é vista como fato consumado, no contexto de uma cultura gay articulada. Mas se, como propomos, deixarmos de pensar exclusivamente em termos de identidade, a questão do “leitor gay” deveria passar por uma análise semelhante ao do sujeito da escrita. Assim, o “leitor gay” poderia-se pensar não somente em relação aos códigos sexuais, mas também literários. Deixo a questão em aberto para continuar pensando nela.

Referências bibliográficas:

- BARCELLOS, José Carlos. “Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas”. Em *Caderno Seminal*, Rio de Janeiro: UERJ-Dialogarts, Vol. 8, 2000.
- BUTLER, Judith. “Inscripciones corporales, subversiones performativas”. Em *Gender trouble: feminism and subversion of identity*. NY: Routledge, 1990. Tradução de Delfina Muschietti, para a Cadeira de Literatura do Século XX, UBA, inédito.
- COSTA LIMA, Luis Costa Lima. “Pessoa e sujeito Ficcional”, em *Pensando nos trópicos*, Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- CAMPOS, Haroldo de. “Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação do poema pós-utópico.” Em *O arco iris branco*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FOSTER, Hal. *The return of the real. The avantgard at the end of the century*. Cambridge and London: MIT Press, 2001.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

JAGOSE, Annamarie. "Queer Theory". Australian Humanities Review, Sidney, N°1, maio2002.

LOPEZ, Denilson. *O homem que amava rapazes*. Rio de Janeiro, Aeroplano: 2002.

LYOD, David & THOMAS, Paul. *Culture and the state*. New York and London:, Routledge, 1998.

WARNER, Michael (comp.). *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.